



Revista ComSertões

SERTÃO, CULTURA E RURBANIZAÇÃO EM DELMIRO GOUVEIA, ALAGOAS

Kleber Costa da Silva¹
Rogéria de Souza Vieira²

Resumo:

A pesquisa sobre o Sertão Rurbanizado pretendeu analisar a paisagem da cidade de Delmiro Gouveia (AL), levando em consideração sua história, rugosidades e seus aspectos rurbanos que são elementos fundamentais no entendimento do espaço vivido e construído pela sociedade ao longo do tempo, informações importantes para o ensino. Em um primeiro momento foram realizadas leituras sobre os conceitos de espaço, tempo (rugosidades), paisagem e os fenômenos urbano e rural. No segundo momento, foi realizada uma análise da paisagem urbana da cidade. E em um terceiro momento, foi construído junto aos alunos do Ensino Fundamental II (escola local), debate sobre os conceitos de paisagem, rugosidades, rurbanização e da história da cidade de Delmiro Gouveia através de uma aula expositiva, onde a atividade realizada junto aos alunos possibilitou exercer a prática docente, partindo do conceito de paisagem como foco central e fundamental no ensino de geografia.

Palavras-chave: Alagoas; Delmiro Gouveia; Rurbanização; Paisagem; Ensino.

Abstract:

Research on the Sertão Rurbanised intended to scan the landscape of this town of Delmiro Gouveia (AL), taking into account its history, roughness and its rurban aspects that are fundamental elements in the understanding of space lived built by society over time, important information for teaching. At first readings were performed on the concepts of space, time (roughness), landscape, urban and rural phenomena. The second time, was conducted an analysis of the urban landscape of the city.

¹ Professor efetivo do Curso de Geografia na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Campus do Sertão. Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atualmente coordena a área de Geografia do PIBID e o Grupo de Estudos Sociedade Natureza do Campus do Sertão, UFAL. E-mail: kleberperfil@hotmail.com

² Professora de Geografia. Graduada em Geografia pela UFAL e integrante do Grupo de Estudos Sociedade e Natureza do Campus do Sertão, UFAL. E-mail: rogeria87@hotmail.com



Revista ComSertões

And in a third moment, was built next to the Elementary II (local school), debate on the concepts of landscape, roughness and rurbanization and history of the city of Delmiro Gouveia through a lecture, where the activity performed by the students enabled exercise teaching practice, starting from the concept of landscape as central and fundamental focus in teaching geography.

Keywords: Alagoas; Delmiro Gouveia; Rurbanization; Landscape; Teaching.

Resumen:

La investigación sobre el Sertão Rurbanizado pretende analizar el paisaje de la ciudad de Delmiro Gouveia (AL), teniendo en cuenta su historia, rugosidades y sus aspectos rurbanos que son cruciales para entender el espacio vivido y construido por la sociedad a través del tiempo, informaciones importantes para la enseñanza. A primeras lecturas eran sobre los conceptos de espacio, tiempo (rugosidades), el paisaje y los fenómenos urbanos y rurales. En la segunda fase, se llevó a cabo un análisis del paisaje urbano de la ciudad. Y por tercera vez, fue construido con los alumnos de la Escuela Secundaria (escuela local), la discusión sobre los conceptos de paisaje, rugosidades, rurbanización y la historia de la ciudad de Delmiro Gouveia través de una conferencia donde la actividad llevada a cabo con la estudiantes persiguen la práctica docente, basada en el concepto de paisaje como tema central y fundamental en la enseñanza de la geografía.

Palabras Clave: Alagoas; Delmiro Gouveia; Rurbanización; Paisage; Enseñanza.

Introdução: um convite a um (quase) novo olhar para o Sertão

Pretende-se, com este trabalho, trazer ao leitor experiências de leitura de paisagem da cidade de Delmiro Gouveia, situada no Sertão de Alagoas, com base no conceito de rugosidade (SANTOS, 2009) rumo à compreensão dos aspectos ligados a uma espécie de rurbanização sertaneja*. Escolheu-se uma abordagem a aliar a contribuição miltoniana relativa à noção de rugosidade entendida como conjuntos de resquícios e/ou de resistências sócio-culturais e espaciais do passado

* Esta proposta de trabalho se insere num projeto maior de pesquisa sobre organização e dinâmica do espaço urbano de Delmiro Gouveia (AL), realizado junto ao Grupo de Estudos Sociedade e Natureza (GESN) do Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas.



Revista ComSertões

na constituição da paisagem urbana e sertaneja do presente com a contribuição freyriana relativa ao conceito de rurbanização (FREYRE, 1982).

E, para isso, preferiu-se num primeiro momento uma estratégia de investigação baseada na leitura teórica (aproximação bibliográfica) dos autores supracitados (rugosidades no geógrafo baiano Milton SANTOS e rurbanização no sociólogo pernambucano Gilberto FREYRE), bem como de outras contribuições especialmente ligadas à área de geografia e saberes afins. Seguiu-se, num segundo momento, com a leitura de alguns eventos relevantes à edificação histórica do espaço urbano de Delmiro Gouveia (AL). E, por fim, definiram-se questionamentos relevantes ao tratamento dos temas como subsídios ao exercício pedagógico através de utilização de “mapas mentais” como ferramenta pedagógica alternativa ao ensino na escola pública. Essas três partes poderão ser vistas como subdivisões temáticas ao longo do texto.

1 – Fundamentos teóricos (e um tanto geográficos): do espaço e da paisagem à noção de rurbanização

Suporte à leitura da paisagem urbana e à proposta de reflexão ora pretendida, as noções de tempo e espaço são fundamentais para a compreensão do processo de constituição do fenômeno urbano nas cidades pequenas do Sertão. Integrados num único sentido teórico, tempo e espaço são indissociáveis à compreensão da realidade e à expressão da nossa situação em relação ao mundo – centrais, pois, à apreciação da história e da geografia enquanto ciências preocupadas com a realidade social, cultural, política e econômica. SANTOS explica:

...tempo e espaço conhecem um movimento que é, ao mesmo tempo, contínuo, descontínuo e irreversível. Tomado isoladamente, tempo é sucessão, enquanto o espaço é acumulação, justamente uma acumulação de tempos (SANTOS, 2012, p. 63).

O sentido de reflexão pressupõe ainda a relação entre espaço e sociedade. Tal direcionamento se justifica diante da possibilidade de ler-se o fenômeno urbano como configuração ligada às dinâmicas sócio-espaciais. Além disso, considera-se inicialmente que o espaço geográfico é fruto, ao menos a partir de uma ótica moderna, da relação entre sociedade e meio físico-natural que, ao longo do tempo histórico, molda a configuração espacial urbana, legando-lhe formas e conteúdos oferecidos como possibilidade de expressão da produção social e cultural.



Espaço pode ser compreendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2009, p.22), movidos pela dinâmica do tempo. Sistemas de objetos compreendem as configurações materializadas pelas ações humanas. Estas dão significados àqueles objetos e mantêm relações a produzir espaço. Eis ainda o espaço geográfico:

Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social, experienciados de diversos modos, rico em simbolismos e campo de lutas, o espaço geográfico é multidimensional (CORRÊA, 2001, p. 44).

E, noutra indicação, o espaço é concebido “...como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade” (CORRÊA, 2001, p. 26). Portanto, espaço e sociedade integram um conjunto indissociável cujas faces podem estar expressas na forma de paisagem.

Ainda, a técnica se torna aspecto relevante na leitura geográfica do espaço, principalmente quanto ao seu potencial de impor mudanças sociais e espaciais. A respeito da relação entre espaço e história, SANTOS mencionou que “...através do espaço, a história se torna, ela própria, *estrutura*, estruturada em formas. E tais formas, como formas-conteúdo, influenciam o curso da história, pois elas participam da dialética global da sociedade” (SANTOS, 2008, p. 189).

As formas técnicas de modificação das paisagens estão ligadas à história dos lugares e às relações existentes entre esses lugares e a escala das ações globais.

Assim, SANTOS (2009, p. 49) coloca que “...a técnica nos ajuda a historicizar, isto é, a considerar o espaço como fenômeno histórico a geografizar, isto é, a produzir uma geografia como ciência histórica”. Ou seja,

A forma como se combinam sistemas técnicos de diferentes idades vai ter uma consequência sobre as formas de vida possíveis naquela área. Do ponto de vista específico da técnica dominante, a questão é outra; é a de verificar como os resíduos do passado são um obstáculo à difusão do novo ou juntos encontram a maneira de permitir ações simultâneas (SANTOS, 2009, p. 42-43).

A compreensão das ações humanas se torna relevante então para a aproximação relativa à configuração do espaço onde a técnica, enquanto recurso forjado segundo uma determinada intencionalidade, pode vir a deixar marcas na paisagem.



Compreende-se também que espaço geográfico contém outros ingredientes que devem ser valorizados no que toca à sua definição, a saber:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 2008, p. 153).

Passado e presente, funções e formas; ingredientes fundamentais, pois, à compreensão do espaço enquanto objeto de estudo e recurso teórico-metodológico de análise de mundo. Nada que seja eventualmente produzido no presente existe sem referência ao legado do passado. A coexistência de tempos permite a aparência das rugosidades espaciais (e históricas, bem como culturais) indicadoras de traços de cultura do passado em íntima relação com o cotidiano presente e constantemente atualizado. As formas espaciais – e seus conteúdos inerentes – se fazem e refazem em face da dinâmica própria às relações sociais, acumulam funções e interagem com o sentido mesmo de realização do humano no mundo.

As formas, de acordo com GOMES (2010) estão relacionadas aos elementos presentes na paisagem e que resultam das novas técnicas geradas pela modernidade, fazendo parte de uma ligação (rede) configurada através de elementos que trazem espaços específicos e ao mesmo tempo semelhantes em relação a outros objetos expressos nos diversos espaços.

Nesse contexto, paisagem e espaço aparecem ligados à configuração dos objetos e das ações. Ao tratar da diferença entre paisagem e espaço, SANTOS sugere que:

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima (SANTOS, 2009, p. 103).

A relação entre homem e natureza representa o espaço e se expressa na configuração das formas (objetos) resultantes de ações e/ou transformações produzidas pelos seres humanos.

Sobre o conceito de paisagem LUCHIARI escreve que “a paisagem é a materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas” (LUCHIARI, 2001, p.



Revista ComSertões

13-14). E, além da relação entre sociedade e natureza, impõe-se também a relação internamente à própria sociedade, no contexto da construção cultural da paisagem:

A paisagem cultural é um produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais. É uma herança de um longo período de evolução natural e de muitas gerações de esforço humano (WAGNER; MIKESELL, 2011, p. 36).

Nesse rumo, portanto, de mútua influência entre a face natural e a face cultural do mundo, forjam-se paisagens que são marcas de relações e de transformações e ao mesmo tempo direcionam o olhar para essas paisagens como expressões do contexto cultural e histórico que a imagem espacial pretende representar. Quanto à representação, tais imagens indicam, na forma de paisagem, a história se realizando no e em relação ao espaço. Porém é importante a preocupação de GOMES:

As representações criam seus sistemas, quadros próprios, carregados das tintas de cada lugar ou grupo social. As representações expressam escolhas a partir de princípios de significação que lhes são próprios e também transitórios, ambíguos e polimorfos, ou, como gostamos de dizer atualmente, complexos (GOMES, 2008, p. 193-194).

A paisagem pode ser entendida como uma dimensão representativa da existência dos seres humanos, através da complexidade de suas vivências atuais e pretéritas, verdadeiras evidências do modo de ser e de viver, de valorizar permanências e mudanças e de moldar o mundo segundo o curso da sua história e das suas tradições. Assim, “uma paisagem, sob a influência do homem e da cultura, pode mostrar uma configuração básica muito similar àquela que podia desenvolver somente sob influências naturais: o padrão dominante de colinas e vales, rios e lagos; o clima; o litoral” (WAGNER; MIKESELL, 2011, p. 37).

Além disso, “a evolução de uma paisagem é um processo gradual e cumulativo – tem uma história. Os estágios nessa história têm significados para a paisagem atual, assim como para as do passado” (WAGNER; MIKESELL, 2011, p. 39). E, em síntese;

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. É marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Constitui



desta forma um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste freqüentemente para as sociedades do passado (CLAVAL, 1999, p. 14).

Partindo desses pressupostos, pode-se encontrar no espaço atual – através de um olhar atento para a paisagem – as marcas dos tempos diversos que moldam o sentido de leitura do presente. E algumas dessas marcas são denominadas de “rugosidades”.

Segundo SANTOS as rugosidades significam “...heranças físicos-territoriais, socioterritoriais ou sociogeográficas” (SANTOS, 2009, p. 43), – expressão da resistência das técnicas antigas às novas técnicas do presente que se atualizam segundo intencionalidades que são também revistas constantemente. Escreveu COSGROVE que “As paisagens contêm significados culturais residuais e emergentes, assim como atuais” (COSGROVE, 2011, p. 128).

Nesse sentido, a paisagem expõe ao presente o legado do passado através de uma única ambiência atual que constantemente se atualiza e coloca em confronto os traços da história e as designações de realização da sociedade em direção ao futuro – ou seja, a exposição das intencionalidades na forma dos valores culturais, da concretização dos rumos político e econômico, sobretudo.

As rugosidades – ou, a historicidade no espaço – revelam a tradição sendo revista e mudada no movimento social do cotidiano. Os traços culturais indicadores do passado e do presente ajudam a leitura geográfica dos lugares. Símbolos da dinâmica sócio-espacial, podem as rugosidades colaborar para mostrar os objetos, as ações, as funções, as intenções e valores, e, os sentidos mesmos de organização de determinada sociedade.

Pode-se encontrar e questionar, também, e especificamente, as formas como tais rugosidades revelam interações noutra plano ou dimensão de análise: o das relações de interdependência, no contexto de afirmação das pequenas cidades sertanejas no capitalismo, entre o rural e o urbano. As relações entre o primeiro e o segundo possibilitam transformações espaciais que se mostram na paisagem. Nesse sentido:

O campo e a cidade possuem uma historicidade, foram se construindo ao longo do tempo, a partir de diferentes relações, e, por meio desse tempo, se modificam constantemente, transformando tanto o material, o espaço físico, a paisagem de determinados locais, como também os modos de vida, as maneiras sociais de se relacionar no e com o espaço em determinado período de tempo (SOUZA, 2012, p. 20).



E, segundo CORNELL: “as culturas convivem entre si no tempo e no espaço, penetrando umas nas outras. Não vivem simplesmente uma após outra. Cada sociedade constrói sua cultura a partir de outras culturas, ocorrendo uma fusão” (CORNELL, 1998, p. 1).

Para além da abordagem geralmente centrada na dicotomia entre essas duas ambiências geográficas e culturais – a fragmentação da leitura do rural como campo e do urbano como cidade, fortemente consolidada nos estudos sobre a relação urbano-rural em geral – torna-se necessário investigar como se revelam as rugosidades na paisagem à luz do impacto ou influências do rural na construção do urbano, especialmente seguindo o legado de Gilberto Freyre com o conceito de rurbanização. E isso significa “...a fusão do urbano ao rural resultando numa unidade social” (FREYRE, 1982, p. 45).

E, noutro momento, continuou o sociólogo a trazer outros elementos:

A vivência rurbana talvez tenha, entre seus atrativos, o lúdico ou recreativo, de pôr ao alcance da gente civilizada, em seus cotidianos domésticos, contatos, outrora, excepcionais, com a natureza: árvores e plantas, ao redor das próprias casas; cultivo de legumes e de frutas em quintais domésticos; toda uma soma de quebras de distâncias entre viveres cotidianos e aventuras rústicas ou agrestes, outrora difíceis para quem fosse urbano em vez de rurbano no seu dia-a-dia (FREYRE, 1982, p. 71).

O escritor-sociólogo do cotidiano, da vida privada e da formação da mistura étnico-cultural que consolidou a alma brasileira nos trópicos e para o mundo, dentre outras várias e ricas contribuições de foco e de método um tanto originais em ciências da cultura, indica um modo particular de ser freyriano na compreensão do Brasil, do povo, da natureza e dos lugares. No entanto, o indicativo de ler o urbano como parte de uma unidade com o rural já propõe uma série de questões e de direcionamentos de olhares, não muito comuns para a geografia; avançar para além da fragmentação das ambiências do rural e do urbano, bem como das suas relações, em direção a um olhar para o rurbano como unidade de análise; verdadeira aproximação geográfico-cultural do caráter da cidade sertaneja de sempre.

Enquanto experiência breve de elevar a contribuição freyriana para a realidade sertaneja, escolheu-se voltar o olhar para o caso da cidade de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas. A apreciação ora pretendida será apresentada com maiores detalhes a seguir.

2 – Comunicando uma breve geografia cultural de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas



A cidade de Delmiro Gouveia se localiza no extremo oeste do estado de Alagoas e se limita a norte com os municípios de Pariconha (AL) e Água Branca (AL), a sul com Paulo Afonso (BA) e Canindé do S. Francisco (SE), a leste com Olho D' Água do Casado (AL) e a oeste com Jatobá (PE), Paulo Afonso (BA) e Glória (BA). Conta atualmente com cerca de 50.000 habitantes e uma economia ligada à agropecuária, ao comércio local e à Fábrica da Pedra, esta voltada a produtos têxteis.

De simples vila pertencente ao município de Água Branca nas primeiras décadas do século XX, tornou-se, dada a sua localização estratégica, ponto de fluência do trem que se movimentava de Piranhas (AL), às margens do São Francisco, até Jatobá em Pernambuco – estrada de ferro esta que buscava ligar as terras do Sertão de Alagoas, de Pernambuco e de parte da Bahia ao litoral e ao mundo, através do Rio São Francisco.

Notadas as potencialidades das quedas d'água do São Francisco nas proximidades da atual cidade de Paulo Afonso (BA) para a produção de energia elétrica, o então empresário e industrial cearense Delmiro da Cruz Gouveia, fugido do Recife (PE), buscou em terras sertanejas alagoanas oportunidades para a construção de uma nova vida; começou a montar em 1912 as estruturas exigentes à formação de uma indústria de tecidos local, a Fábrica da Vila da Pedra, e consolidou a cidade de Delmiro Gouveia na rede de produtores têxteis do Brasil. Segundo SANT'ANA (1996, p. 27) “no mês de setembro de 1913 iniciara-se a construção do prédio da Fábrica de Linhas, que seria inaugurada, (...), no dia 5 de junho de 1914, data do aniversário de Delmiro Gouveia”. O homem Delmiro Gouveia faleceu em 1917, porém a indústria por ele pensada continuou e ainda hoje representa importante setor da economia da cidade. Em 1954 Delmiro Gouveia tornou-se oficialmente cidade.

No entanto, a constituição do desenho original de vila operária, pensada pelo homem Delmiro Gouveia, influenciou bastante a continuidade do traçado urbano da cidade e da paisagem, ao longo de sua história nas décadas seguintes. Algumas principais vias da cidade atual (tais como a Av. Presidente Castelo Branco, Rua Floriano Peixoto etc.) ainda obedecem ao traçado primeiramente pensado para a vila, no entorno da Fábrica. Resquícios de arquitetura da vila ainda resistem às mudanças recentes na cidade, mormente próximo às praças e às áreas centrais; rugosidades que ainda justificam a permanência dos traços culturais do passado, enquanto heranças paisagísticas da história.

Explica SANT'ANA:



Paulatinamente, porém, em locais onde até então apenas existia a caatinga, foram sendo abertas ruas, iluminadas logo depois com energia elétrica gerada na pontentosa cachoeira: 7 de Setembro, 13 de Maio, Rui Barbosa, Rio Branco, Floriano Peixoto, 15 de Novembro e José de Alencar, denominações escolhidas pelo próprio Delmiro, a atestar seu nacionalismo, onde foram construídas 254 casas, 246 de menor porte, todas com alpendre à frente, e 8 de maiores dimensões (SANT'ANA, 1996, p. 26).

Os nomes das ruas foram definidos em homenagem a algumas personalidades importantes à história brasileira. Com o passar dos anos, surgiram novas ruas: “Depois da morte do grande evangelizador [Delmiro Gouveia] é que surgiram outras vias públicas fora da vila operária, as ruas do Progresso, do ABC, da Travessa, da Independência, do Jardim, do Desvio, do Mulungu, do Fogo e outras menores” (SANT'ANA, 1996, p. 26).

Quanto à arquitetura das casas: “As casas eram de alvenaria, revestidas de reboco, permanentemente caiadas de branco, cobertas de telhas de barro e com pisos de tijolos. Um amplo alpendre seguia acompanhando o quarteirão, interligando todas as moradias e formando um imenso corredor” (GONÇALVEZ, 2010, p. 271).

Outros eventos importantes se acrescentariam à dinâmica espacial da Vila da Pedra – hoje cidade de Delmiro Gouveia – tais como a feira (fotos 1 e 2) e o surgimento do pequeno comércio local. Estes permitiram ligação maior entre a vila e futura cidade com o entorno, especialmente com povoados e municípios circunvizinhos, em relação ao intercâmbio comercial (grãos, frutas, verduras, animais e peles). A característica da feira como motivadora de vínculos e de intercâmbios entre as ambiências rural e urbana serão mantidas nas décadas posteriores até os dias atuais.

As feiras livres sertanejas podem ser consideradas um ótimo exemplo da interatividade existente na vida social local. Semanalmente nelas acontecem, sempre em dias fixos, comércio, troca, exposição, entretenimento e a convivência entre os moradores. Nesses dias especiais, ocorrem muito mais que uma mera atividade de compra e venda. Trata-se de uma diversificada festa de confraternização, onde são fortalecidos os vínculos e as relações pessoais da comunidade (GONÇALVEZ, 2010, p. 276).

Na intimidade dos espaços da feira delmirenses e do movimento do cotidiano se revelavam e ainda persistem característicos de uma ruralidade sertaneja. Desde o modo de vida e do agir à oferta de produtos e serviços típicos do Sertão, costuraram-se relações sociais e se construíram estruturas de amparo às relações de troca comercial de bens interessantes à população local; objetos de barro,



Revista ComSertões

roupas, calçados de couro, medicina popular etc. Desde o início, o “carro-de-boi” ou “a pé”, e, hoje, automóveis populares (“D-20”, “Caminhonetas”), motos e ônibus se ocupam do transporte semanal para a feira de Delmiro Gouveia. A feira, inicialmente concentrada no centro da cidade, atualmente se situa em espaço reservado junto ao bairro Eldorado, ladeado por um mercado público recentemente construído – a transferência da feira deu-se na década de 90 do século passado.

Figura 1 – Feira principal da cidade Delmiro Gouveia (AL)



Fonte: Vieira, 2010.

Figura 2 – Comércio de produtos na feira de Delmiro Gouveia (AL)



Fonte: Vieira, 2010.



Revista ComSertões

A atual Avenida Castelo Branco (foto 3) – considerada a avenida principal da cidade, por situar-se na área central e por concentrar o principal comércio no passado – possuía o nome de Rua do Progresso, local que desde o seu surgimento já apresentava importância para o comércio local. Atualmente se configura como comércio de roupas e de calçados, especialmente, e de estabelecimentos tais como farmácias, escritórios, financeiras, bares e restaurantes. Torna-se mister acrescentar que o maior movimento se dá no final e do início de cada mês – devido ao pagamento de salários da Fábrica e do recebimento de salários de servidores públicos.

Ainda no centro da cidade estão, além da Fábrica da Pedra, alguns prédios tais como a Escola Delmiro Gouveia, o antigo Mercado Público (atualmente loja de motos), o conjunto de casario antigo da antiga vila operária, prédios do antigo comércio original, residências e a Igreja da Vila (na atual praça Nossa Senhora do Rosário). Monumentos-símbolos da história e das tradições locais que revelam resquícios de um passado que permanece. A vida da região girou em torno de grande parte desses prédios, através dos quais a população da cidade e dos povoados se direcionavam, ao longo dos anos, e ainda continuam, em busca de educação formal, de comercialização ou de apoio religioso e cultural. Ainda, o atual Museu Delmiro Gouveia – antiga estação de trem da Vila da Pedra – guarda o legado histórico da sociedade local, especialmente deixado pelo seu principal protagonista do qual a cidade recebeu seu nome, mostrando documentos, objetos e imagens históricas da cidade – mais outro símbolo importante para a compreensão de traços de rugosidades como oportunidade de leitura do espaço e das memórias locais.

Figura 3 – Avenida Castelo Branco na cidade de Delmiro Gouveia (AL)



Fonte: Vieira, 2011.



Ao longo de uma pesquisa de campo, principalmente para a constatação e o registro fotográfico, foi possível a constatação de alguns pontos destacados por Gilberto Freyre em relação às expressões sociais ligadas à moda e aos alimentos, onde é possível notar a inspiração rural que se tem nos usos rurbanos. Segundo FREYRE (1982, p. 22) “o ruralista brasileiro foi, no Brasil, pioneiro do uso, tão ecológico, da camisa de homem por fora das calças. Vem sendo pioneiro do uso, crescente entre urbanitas, da sandália”. A indústria da moda tem feito uso dos traços rurais para fabricar as roupas que são peças vistas nas vitrines dos centros urbanos. E, complementa o autor pernambucano: “...a reciprocidade rural-urbana é um processo a que não faltam exemplos brasileiros, estendendo-se a doces, quitutes, batidas, refrescos” (FREYRE, 1982, p. 22).

Pode-se observar no centro da cidade de Delmiro a presença de comércio informal de alimentos geralmente encontrados no rural (foto 4), embora não se afirmando com certeza de genuinamente típicas desse ambiente, porém fortemente influenciadas pela cultura do campo, a exemplo do bolo de mandioca, bolo de leite, o milho etc.; no local, a junção do rural e do urbano, portanto, o rurbano. Segundo FREYRE: “Nos hábitos brasileiros, polivalentemente rurbana, tal a sua adoção por urbanitas, o mesmo pode-se dizer ter ocorrido, desde velhos dias brasileiros, com a mandioca e comidas feitas de mandioca e, nas suas origens, caboclas e rurais” (FREYRE, 1982, p. 22).

Figura 4 – Comércio informal na cidade de Delmiro Gouveia (AL)





Revista ComSertões

Na feira se comercializam frutas e verduras do ambiente rural do município de Delmiro Gouveia e dos demais municípios circunvizinhos. A oferta desses alimentos obedece ainda ao imperativo climático e de tratamento agrícola definido segundo as características naturais e culturais regionais; a exemplo do “umbu”, um fruto tipicamente nordestino, geralmente colhido nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro, março, podendo chegar até o mês de abril. Ainda em relação a alimentos, têm-se as transformações feitas de pratos tradicionais de origem rural, que são requintados e ofertados em restaurantes. Na paisagem rurbana da cidade de Delmiro Gouveia encontram-se alguns restaurantes que oferecem comidas tradicionais típicas do rural, simbolizando antigas tradições. E um aspecto interessante diz respeito aos nomes dos estabelecimentos, escolhidos, pois, devido à forte preferência regional pela carne de bode.

Escolheu-se realizar o registro fotográfico de alguns outros conteúdos que revelam a relação urbano-rural e se expressam na paisagem da cidade. Nelas se nota a presença de plantas da Caatinga (foto 5) – a exemplo do Mandacaru –, nomes de animais da região nas lojas, presença de animais em vias públicas, transporte etc. Ainda nessa perspectiva de análise, nota-se a questão da utilização do nome (foto 6), quanto aos produtos que são comercializados e ligados à dinâmica do ambiente rural (foto 7), a exemplo da fabricação de calçados de couro, ferramentas de uso no campo junto a produtos da cidade, sendo a carroça um instrumento de trabalho muito utilizado no rural, e, o botijão de gás de uso comum na cidade (os alimentos eram, e em alguns lugares ainda continuam, comumente tratados em fogo a lenha ou carvão).

Constata-se um meio de transporte rural que ainda se faz muito presente e utilizado no centro da cidade de Delmiro Gouveia (AL): a carroça de burro (foto 8). Esse meio de transporte é ainda utilizado por uma parcela da população, principalmente para transportar a feira semanal, móveis e materiais de construção. Porém, o principal meio de transporte de mercadorias e de pessoas que se deslocam para da zonal rural em direção à cidade é a “D20” ou “caminhoneta” (foto 9), como chamados e conhecidos popularmente na região.

Tais aspectos rurbanos, portanto, pode vir a subsidiar olhares a um Sertão que não é tão somente rural nem urbano e nem simplesmente dedicado a um sistema de cidades modernas deslocado da região e das tradições. Enquanto rurbano, mostra-se Delmiro Gouveia como um fenômeno social e cultural que é fortemente vinculado aos destinos históricos consolidados ao longo do tempo; firmam-se as identidades sociais atreladas à relação entre o passado e o presente e entre o urbano e o rural.



Revista ComSertões

Considerando-se a complexidade de tais aspectos, urge um primeiro passo, pois, a enxergar-se a possibilidade de tratamento dessas mesmas temáticas no contexto do ensino; então a proposta seguinte.

Figura 5 – Planta de Mandacaru na entrada de um prédio



Fonte: Vieira, 2012.

Figura 6 – Comércio de artigos regionais



Fonte: Vieira, 2012.

Figura 7 - Comércio de artigos regionais no centro da cidade



Fonte: Vieira, 2012.

Figura 8 – Carroça para transporte da feira



Fonte: Vieira, 2012.

Figura 9 – Caminhoneta, D-20, para transporte da feira



Fonte: Vieira, 2012.

3 – Rugosidades e rurbanização no Sertão: um exercício de pesquisa-ensino

Além de possibilitar questionamentos importantes à produção do conhecimento, rugosidades e rurbanização representam caminhos relevantes ainda para a reflexão sobre o ensino de geografia. Nesse sentido, dividiu-se a ação em duas etapas principais: a) trabalhos em sala de aula numa escola pública local, envolvendo debates sobre conteúdos (conceitos, temas, questões) com participação de alunos; e, b) trabalhos ligados à temática, através do uso de questionários, e a confecção de impressões dos alunos em forma de “mapas mentais”.

Para o primeiro momento, ao perguntar-se sobre o lugar da cidade que poderia representar a principal imagem da cidade de Delmiro Gouveia, boa parte dos alunos citaram a Fábrica da Pedra, o Museu Delmiro Gouveia, o centro da cidade, e a Igreja da Vila, que fazem parte da paisagem da área central da cidade e são símbolos importantes à sua história, pois a partir da Fábrica e do centro iniciou-se o processo de crescimento e desenvolvimento urbano. Questionou-se, ainda, sobre lugares considerados relevantes à história da cidade, sendo estes sintetizados principalmente através da Fábrica da Pedra, do Museu Delmiro Gouveia, da Escola Delmiro Gouveia, do Centro, da antiga Hidrelétrica de Angiquinho, da Igreja da Vila (Nossa Senhora do Rosário), do trem e da Praça Delmiro Gouveia.

Partindo da noção de rugosidades, alguns dos estudantes responderam da seguinte maneira:



Revista ComSertões

- *“Rugosidade é o tempo das imagens de antigamente que hoje em dia ainda existem”;*
- *“Paisagens antigas que estão até hoje”;*
- *“Casas e lojas que até hoje mantêm as formas e traços de antigamente”;*
- *“A rugosidade é aquilo que se transformou em imagem de antigamente para hoje”;*
- *“São coisas do passado que estão no presente”;*
- *“Coisas antigas que existem até hoje”.*

Percebe-se grande valor dado por alguns alunos aos elementos do passado e a sua permanência no presente. A experiência revelou grande preocupação com a compreensão dos conceitos. Porém, foram ainda instigados os alunos a listarem esses traços de rugosidades na paisagem urbana, respondendo alguns deles o seguinte:

- *“Museu que é bem antigo. A Escola Delmiro Gouveia que é uma casa do passado, mas que ainda existe”;*
- *“A escola Delmiro Gouveia, uma coisa que eu acho histórica na minha cidade, porque deu histórias a várias pessoas”;*
- *“O museu lembra a história do fundador de Delmiro Gouveia, Delmiro Augusto, e o trem Maria Fumaça transporte mais usado na época, quando ainda a cidade era chamada de Vila da Pedra”;*
- *“A Fábrica da Pedra porque é o local que gera empregos, e o museu que se tem a antiga linha do trem ferroviário”.*

Quanto ao conceito de rurbanização, destacam alguns alunos o seguinte:

- *“Tudo que tem no rural e pode ter em uma cidade como carroça de burro, que é um transporte do rural”;*
- *“A vivência regional, a vida rural, estilos de vida urbana”;*
- *“São as coisas que usamos e fazemos, ainda que seja da zona rural”.*

Seguindo essa mesma trilha de pesquisa e de ação, os alunos também foram levados à confecção de “mapas mentais”. Nesse momento, grande quantidade de “croquis” foram feitos num processo de coleção de imagens relativas às suas vivências, principalmente aquelas concernentes ao



Revista ComSertões

olhar para os conceitos debatidos em sala de aula. Alguns aspectos mais destacados foram: a) a importância dos prédios para fins religiosos, a exemplo da Igreja Nossa Senhora do Rosário, no centro da cidade; b) a importância dos prédios e espaços públicos; c) a relação entre o ambiente construído e a existência de árvores no espaço público; d) a via principal da cidade, Avenida Castelo Branco; e) o comércio formal e informal com produtos típicos da região; f) o fluxo de pessoas e dos meios de transportes tradicionais em direção à feira (carroça); e, g) a comercialização de produtos entendidos como típicos do ambiente rural.

No final, a título de avaliação dessa experiência de ensino-aprendizado, montou-se um debate, através da conversação e do uso de questionários, sobre os conteúdos e sobre as experiências trabalhadas. Algumas das respostas registradas foram as seguintes:

- *“Aprendi o que era rugosidade e mais um pouco sobre urbanização”*;
- *“É um novo conhecimento, nós conhecemos muitas coisas diferentes, vai ajudar muito”*;
- *“Um conhecimento novo que a gente tinha dúvidas, como era e como existia e lembranças do passado que muitos não se lembram”*;
- *“Ajudou a conhecer um pouco mais sobre a história da nossa cidade e suas culturas”*.

4 – Considerações finais

A apreciação geográfica da paisagem pressupõe a consideração do espaço e do tempo como alicerces à reflexão acerca da constituição do fenômeno urbano e, portanto, da produção do espaço da cidade. Alia-se ainda a um cotidiano moldado segundo objetos e ações do passado que resistem aos impactos das técnicas, da cultura e das relações sociais do presente, legando rugosidades indicadoras das conversações entre os diversos tempos que forjam a paisagem cultural em constante atualização.

As pequenas cidades sertanejas, além de tais processos, podem ser compreendidas como resultantes de relações sociais de diversos tempos que se encontram no presente, mas, ao mesmo tempo, de relações que levam em conta o plano de interação entre a ambiência rural e a ambiência urbana: forja-se um processo maior e integrador de tais ambiências, chamado de rurbanização. Considera-se ambiência o conjunto de características culturais, sociais e paisagísticas, especialmente, que exerce influência sobre a produção do espaço e a construção das suas aparências.



Revista ComSertões

A paisagem urbana entendida como aspecto fundamental à exposição da vida e da identidade locais, atrelada ao cotidiano social e às impressões individuais, e por isso mesmo reveladoras de sinais do agir e do produzir diário do urbano – e no caso específico das pequenas cidades sertanejas; do urbano – pode subsidiar o ensino de geografia como possibilidade de situarem-se os envolvidos (alunos participantes) no mundo como extensão da situação concernente aos lugares.

A ciência dos processos ora notados neste texto serve para o direcionamento do olhar ao campo das relações (passado-presente e urbano-rural) e dos significados inerentes à identidade de uma cidade chamada Delmiro Gouveia e também à oportunidade de realização de exercícios pedagógicos interessantes para a prática do ensino junto às escolas de ensino médio e fundamental. Diante dos resultados obtidos com ajuda dos alunos da escola, tornou-se a cidade de Delmiro Gouveia o conteúdo primordial e a finalidade mesma da produção do conhecimento e de cultura sobre o Sertão.

5 – Referências

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORNELL, Elias. A arquitetura da relação cidade-campo. Brasília: Ed. Alva Ltd., 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. Geografia: conceitos e temas. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001. p. 15-47.

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Introdução à geografia cultural. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

FREYRE, Gilberto. Rurbanização: que é? Recife: Massangana, 1982.

GONÇALVEZ, Alberto. Delmiro Gouveia: Era uma vez no sertão... Ribeirão Preto: Fábrica de Sonhos, 2010.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. 3 ed., Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.



Revista ComSertões

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Espaço e Cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia, 1917 – 1994. Precedida do ensaio biográfico “Delmiro Gouveia, o precursor da CHESF”. Recife: Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – CHESF, 1996.

SANTOS, Milton. Da totalidade ao Lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOUZA, Robson de. O rural e o urbano no Distrito de Santo Antônio do Salto, Ouro Preto, Minas Gerais. Ouro Preto: Biblioteca Tarquínio J. B. de Oliveira, IFMG, Campus Ouro Preto, 2012.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Feira principal da cidade Delmiro Gouveia (AL). 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Comércio de produtos na feira de Delmiro Gouveia (AL). 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Avenida Castelo Branco na cidade de Delmiro Gouveia (AL). 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Comércio informal na cidade de Delmiro Gouveia (AL). 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Planta de Mandacaru na entrada de um prédio. 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Comércio de artigos regionais. 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Comércio de artigos regionais no centro da cidade. 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.



Revista ComSertões

VIEIRA, Rogéria de Souza. Carroça para transporte da feira. 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Caminhoneta, D-20, para transporte da feira. 2010. 1 fotografia, preto e branco., 28.4 cm x 17 cm.

WAGNER, Philip L; MIKESELL, Marvin W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Introdução à geografia cultural. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.